



Noites de pântano, de desgosto e esperma: itinerários do homoerotismo na poesia de Cassiano Nunes

Wetland nights of sperm and disdain: itineraries of
homoeroticism in Cassiano Nunes's poetry

Seção Livre

Claudimar Pereira Silva*

ORCID: 0000-0002-7575-5833

E-mail:

claudimarsilva84@gmail.com

Recebido: 14/05/2025

Aprovado: 02/12/2025

Resumo:

Propõe-se, neste artigo, uma leitura *queer* da poesia de Cassiano Nunes, um dos nomes mais importantes da poesia brasileira, na segunda metade do século XX. Nascido em Santos, litoral de São Paulo, mas estabelecendo-se em Brasília, e tendo a cidade como um de seus temas, a poesia de Cassiano Nunes é perpassada pelas temáticas da solidão, da velhice, do desejo, da incomunicabilidade e, sobretudo, por uma obsessão pela noite e pela madrugada. A partir disso, tenciona-se uma leitura que aborde, principalmente, as práticas sexuais e afetivas dissidentes em parques urbanos, denominada *cruising*, nesses poemas. Argumentamos que os sujeitos poéticos de Cassiano Nunes, por meio de uma poética aparentemente simples e despojada, expressam uma identidade *gay/queer* em poemas de alta voltagem metafórica, e na manifestação de espaços heterotópicos onde essas identidades experimentam o desejo homoerótico.

Palavras-chave:

cruising; homoerotismo; poesia brasileira; Cassiano Nunes.

Abstract:

This article proposes a *queer* reading of the poetry of Cassiano Nunes, one of the most important names in Brazilian poetry in the second half of the 20th century. Born in Santos, on the coast of São Paulo, but settled in Brasília and having the city as one of his themes, Cassiano Nunes' poetry is permeated by the themes of loneliness, old age, desire, incommunicability and, above all, an obsession with night and dawn. From this, we intend a reading that deals mainly with dissident sexual and affective practices in urban parks, known as *cruising*, in these poems. We argue that Cassiano Nunes' poetic subjects, through an apparently simple and stripped-down poetics, express a *gay* and *queer* identity, through poems of high metaphorical voltage and through the manifestation of heterotopic spaces where these identities experience homoerotic desire.

Keywords:

cruising; homoeroticism; Brazilian poetry; Cassiano Nunes.

*Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FCLAr - UNESP, campus de Araraquara. Atualmente desenvolve pesquisa prévia sobre as representações literárias e visuais das sociabilidades eróticas masculinas em espaços públicos, a partir de noções da intermedialidade, do espectro e da hauntology.

Cassiano Nunes no armário da crítica

O poeta santista Cassiano Nunes permanece relativamente obscuro, relegado aos claustros (e aos iniciados) na poesia brasileira do século XX, tanto de uma perspectiva editorial quanto em relação à universidade e à pesquisa acadêmica. Foi apenas em 2015 que a Profa. Dra. Maria de Jesus Evangelista, da Universidade de Brasília (UnB), amiga e ex-orientanda de Cassiano, conseguiu agregar sua produção lírica dispersa e há décadas esgotada num único volume, *Poesia: obra reunida*, publicado pela editora Thesaurus, em edição modesta. No que tange à pesquisa acadêmica acerca de sua obra, ela permanece rarefeita – 18 anos após a morte do poeta, em outubro de 2007, são ainda poucos os trabalhos que enfrentem mais diretamente sua produção intelectual, constituída por livros de poemas, ensaios e crítica cultural, além de um estudo penetrante sobre Monteiro Lobato, publicado em 1979. Evidencia-se, aqui, um paradoxo vistoso, sobretudo pelo fato de que Cassiano Nunes foi majoritariamente um homem da universidade, tendo sido professor e pesquisador, por quase 30 anos, da própria UnB.

Nascido em 1921, no litoral paulista, filho de pais portugueses, Cassiano formou-se em contabilidade e passou por diversas repartições públicas, enquanto praticava jornalismo cultural no periódico *A Tribuna de Santos* (Horta, 2015). Estudante dedicado, desenvolveu parte de seu percurso acadêmico primeiramente no Brasil, doutorando-se em literaturas anglo-germânicas pela Universidade de São Paulo (USP), e posteriormente lecionando na *University of New York*, nos Estados Unidos, e na *University of Heidelberg*, na Alemanha. Idealizador do movimento pesquisista¹ e amigo de grandes nomes da *intelligentsia* modernista brasileira, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, em 1966 Cassiano é indicado, pelo poeta de Itabira, a uma vaga como docente na Universidade de Brasília, onde se estabeleceria até a aposentadoria, no início da década de 1990. A jovem Brasília dos anos 1960 se consolidaria, então, como topos recorrente em sua poesia, em especial os enclaves e territórios marginalizados que contrastavam à opulência alva e sensual do projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer – mais especificamente ruas, becos, parques, botecos e cinemas abandonados da nova capital do Brasil.

Foi apenas aos 41 anos que Cassiano Nunes despontaria em sua verve lírica, ao publicar o primeiro livro de poemas, *Prisioneiro do arco-íris*, em 1962. Como se realmente fosse um prisioneiro derrubando as portas do *armário* da própria timidez e insegurança a respeito de seu talento como poeta (expressas em muitos poemas), o título lúdico e algo sugestivo do livro indicava que ali pudesse haver um “[...] eventual reflexo de ouro”, como diz Cassiano em “Autocrítica e apelo”: “Todos os meus versos são maus/porque não os impregna de ti/como devias.//Todos os meus versos são maus/por tua culpa” (Nunes,

¹Formado pelos poetas Narciso de Andrade, Roldão Mendes, Miroel Silveira e Nair Lacerda, entre outros, o movimento pesquisista instituiu o trabalho de pesquisa realizado pelo autor (incluindo, nesse escopo, a pesquisa da forma poética), e, sobretudo, uma profunda curiosidade sobre o real, como componentes indispensáveis à criação literária.

2015, p. 38). Inicialmente, ressalte-se aqui que a expressão *prisioneiro do arco-íris*² evoca uma potente imagem das frestas, fissuras e penumbra do armário *gay*, o grande “reino do segredo revelado”, na bela expressão da teórica Eve Kosofsky Sedgwick (2007, p. 21), onde muitos homens habitam (ou rompem finalmente com) durante grande parte da vida. A partir daí, Cassiano comporia obra lírica pontual, em trabalhos como *Jornada* (1972), *Madrugada* (1975), *Jornada lírica* (1984) e *Poesia II* (1998).

Historiograficamente vinculado à geração de 1945 da poesia modernista brasileira, mas raramente arrepanhado pelo hermetismo, pela obscuridade e pela pesquisa formal características desse momento, a poesia de Cassiano Nunes individualiza-se por uma *aparente simplicidade* estrutural e vocabular que, como discutimos neste trabalho, *esconde* uma poesia de grande trepidação semântica e metafórica. Anderson Braga Horta (2015, p. 25), em ensaio importante, salienta o aspecto objetivo da poesia de Cassiano Nunes: “A linguagem de Cassiano é despojada: linguagem bem cuidada, mas nada de excessos de palavras, de preciosismos linguísticos, de complicações formais”. A posição crítica de Horta é encorajada por Silva Jr. e Medeiros (2012, p. 276), que posicionam Cassiano em uma “[...] estética do simples e do comum”, cuja fatura final seria a “[...] singeleza formal” de sua poesia.

Este trabalho, entretanto, busca empreender (ainda que polidamente), novas leituras que tensionem as noções de singeleza e simplicidade da poesia de Cassiano Nunes, diagnosticadas pela crítica. Se seus poemas condensam-se, muitas vezes, em uma linguagem límpida e cintilante, despojada das ousadias formais do alto modernismo, ou mesmo das formas radicais do concretismo nos anos 1960 – ela revela, nessa *opacidade* plana e luminosa, a experiência difusa de sujeitos poéticos inquietos e desejantes, emparedados pela passagem do tempo e pela possibilidade da morte, andarilhantes à procura de algo que os apascente nos territórios imbricados do desejo. A poética de Cassiano Nunes enfeixa confessionalmente, assim, temas como a velhice, a solidão, o desejo, a boemia, a madrugada, a cidade de Brasília, o fluxo do tempo e o vazio da incomunicabilidade, estruturados em um repertório mais ou menos enxuto de imagens que oscilam do simples achatamento *kitsch* à metaforização complexa do neo-simbolismo modernista (Evangelista, 2006). Noite, flores, portos, estrelas, quartos, parques, pinturas, madrugada e marinheiros formam, portanto, a variedade isotópica sobre a qual Cassiano geologiza sua *poiesis*.

A escassa e resiliente fortuna crítica de Cassiano Nunes tem procurado analisá-lo a partir de diferentes frentes teóricas, que encetam ângulos inaugurais sobre sua obra – no entanto, são reduzidos os trabalhos que perspectivem mais detidamente a questão do homoerotismo masculino em seus poemas. Ainda que essenciais, as leituras críticas de

² O arco-íris estilizado como bandeira foi criado em 1978 por Gilbert Baker, e instituído posteriormente como primeiro grande símbolo dos movimentos civis de gays, lésbicas e transgêneros (hoje, a sigla LGBTQIAP+), nas décadas posteriores.

Cassiano são muitas vezes dominadas por interpretações que *minimizam* ou mesmo *invisibilizam* a premência do desejo, do erotismo e de uma identidade *gay* nos poemas, ainda que esta (quase) nunca seja enunciada diretamente pelos sujeitos líricos, mas seja percebida retroativamente na polissemia do verso, na sutileza do traço e do vestígio, e no enfrentamento hermenêutico das estrofes.

Assim, autores como Danilo Lobo (2015) e Maria de Jesus Evangelista (2006), mencionam o erotismo pungente na poesia de Cassiano Nunes, mas não especificam o tipo de erotismo que sua poesia implica, nem o modo como ele se expressa, no corpo formal (e sensual) dos poemas. Essa lacuna crítica já havia sido notada por José Luiz Foureaux de Souza Júnior (2001, p. 169), para quem, na poesia de Cassiano, “[...] a noite, a volúpia, a constância de certas realidades, bem como a variação feérica de sinais de trânsito como signo do efêmero, da paixão passageira, tudo está à espera de uma leitura mais aprofundada, na busca de constantes temáticas da poética do autor”. Uma exegese menos normativa de Cassiano implica compreender os processos de sua poética por meio de uma *homotextualidade* (Lopes, 2002), uma escritura ambígua na qual identidades dissidentes e quase sempre à deriva mobilizam-se na artesanaria de sujeitos que utilizam a flutuação e indeterminação semântica do poema para estabelecer, por meio da métrica, das imagens e da metáfora, a representação lírica bastante matizada de uma identidade *queer*, que por sua vez busca modos de sobrevivência e de tenacidade frente aos domínios da heteronorma.

Alguns indícios apontam para a viabilidade de uma leitura *gay/queer* de Cassiano Nunes³. Aquele que é, provavelmente, seu poema mais conhecido, o ensolarado e sutilmente violento “Bicicleta”, presente em *O prisioneiro do arco-íris* (2015), se constitui como exemplo emblemático dos regimes de opressão que o sujeito social, dissidente da heteronormatividade, pode sofrer, no próprio âmbito familiar:

Se eu tivesse bicicleta,
muito bicicletaria!
Iria à ilha de Creta
e às matas da cafraria.
Antes da idade provecta,
muitas terras correria.
Minha ambição predileta
é ser vento e geografia!
Mas não terei bicicleta...
Como no tempo em menino.
A mágoa ficou secreta,
calar foi sinal de tino.
Manter posição discreta!
Meu pai legou-me este ensino...
Se eu tivesse bicicleta
como tem qualquer menino,
ele acharia um desatino...
(Nunes, 2015, p. 36).

³Apesar de ainda pouco lido ou estudado no contexto da pesquisa acadêmica, ou dos estudos *queer* vinculados à literatura, Cassiano Nunes participa de algumas antologias importantes de poesia homoerótica, entre elas *Poemas do amor maldito* (1969), organizada por Gasparino Damata e Waldir Ayala; *Poemas homoeróticos escolhidos* (2014), de Paulo Azevedo Chaves e Raimundo de Moraes; *The Penguin book of homosexual verse* (1983), editada por Stephen Coote; *Now the volcano: an anthology of Latin American gay literature*; e *Gay roots: twenty years of gay sunshine*, editadas por Winston Leyland, respectivamente em 1979 e 1993.

Assentado sobre um duplo movimento, o da possibilidade e sua recusa, o poeta expressa o desejo sensual pela posse de uma bicicleta (como, mais tarde, ao corpo de outro homem), a fim de explorar seus impulsos de liberdade, e escapar da tirania paterna (“Minha ambição predileta/é ser vento e geografia!”). A própria metrificação, composta de rimas alternadas (Bandeira, 1997), aparece como alusão a uma infância experimentada em um regime de códigos familiares bem delimitados (emerge, aqui, o *prisioneiro do arco-íris*, afinal). Distadas inexoravelmente no tempo, a infância e a idade adulta vinculam-se pela impossibilidade da bicicleta, que metonimiza-se e expande-se para as outras impossibilidades do existir, inclusive as da velhice final. O tom ressentido contra a figura autoritária do pai, obstáculo à realização desse desejo, pervade a memória: “A mágoa ficou secreta,/calar foi sinal de tino” (2015, p. 36). Sobretudo, salta aos olhos o verso espartano: “Manter posição discreta!/Meu pai legou-me este ensino...”. (2015, p. 36). Tal ordem, estabelecida pelo pai repressor, metonimiza-se como momento inequívoco na infância ou adolescência de muitos rapazes homossexuais.

Em outro poema, “Os bombons da Leonesa”, a figura adstringente do pai retorna, no fascínio do garoto pelos papéis brilhantes que envolviam os bombons trazidos por ele da confeitaria Leonesa, em Santos. A sinestesia ocasionada pelas embalagens dos bombons opera como metáfora do pendor para a escrita do garoto, rechaçado posteriormente pelo pai: “Mas o que mais me seduzia nos bombons/era o seu invólucro/de papel prateado.//De diversas cores,/sempre rebrilhantes, /eles me deslumbravam./ Provocavam a minha fantasia” (Nunes, 2015, p. 155). Mais adiante, distante no tempo, mas ainda vívida, a figura paterna retorna, impiedosa: “Hoje, velho, penso ainda na Leonesa e seus bombons./Guardo mágoas de meu pai, difíceis de apagar” (2015, p. 155):

De manhã, ao deparar com o presente imprevisto,
sobre a cama,
ficava cheio de contentamento.
[...]
O raciocínio e a generosidade
insistem pelo perdão,
de que me defendo,
com a força de um instinto.
Mas penso nele com ternura,
ao evocar os bombons da LEONESA.
Não pelo chocolate saboroso,
nem pelo papel brilhante e colorido.
Mas porque o costumeiro presente parecia revelar um pensamento amável,
a terna lembrança de meu pai por mim,
ser insignificante,
no meio das distrações numerosas da cidade (Nunes, 2015, p. 156).

Na última estrofe, o sujeito adulto, como resíduo final dessa dinâmica familiar de afeto, repressão e violência, perambula solitário pela cidade noturna (procurando o quê?), no registro cansado e comovente da passagem do tempo: “Então, num túnel escuro,/uma luz alvíssima cai sobre mim/e me transfigura e redime” (Nunes, 2015, p. 156).

Os espaços *queer* urbanos e noturnos se fundamentam como topologias primais na poesia de Cassiano Nunes. Essas heterotopias – na definição de Michel Foucault (2003, p. 117), espaços da *alteridade*, onde “[...] se alocam os indivíduos cujo comportamento é desviante em relação à média, ou à norma exigida”, potencializam leituras calcadas nos gestos dissidentes do afeto, do desejo e da sexualidade, sobretudo entre homens. Estes territórios, na geopoética de Nunes – ruas, parques, bares, cinemas – fronteirizam-se como espaços em que o poeta evade-se da solidão opressiva da velhice, da consciência perturbadora do fim, e onde ocorre a comunhão (ou o impasse) erótico entre desconhecidos. No poema “O randevu *gay*”, publicado em *Jornada lírica* (1984), o acento propagandístico dos primeiros versos espacializa a heterotopia urbana, fantasmagórica e repleta de tempos mortos do *cinemão*, o cinema pornô erótico, onde homens buscam sexo rápido, variado e anônimo:

Muitos cinemas não contam
com tão grande público!
Não há tempo
nem para trocar os lençóis.
A registradora,
alegre e tilinta.
E, insaciados,
os corpos arranham o linho,
buscando aquela praia,
aquela brisa, aquele sol
- vã promessa dos poemas
(Nunes, 2015, p. 131, grifo nosso).

Neste poema, a interpolação tensiva e inusitada entre o erotismo que se dá nos espaços sombrios do *cinemão gay* e o erotismo prosaico (e heterossexual) dos lençóis de linho, articula-se à construção metapoética, e seus sensuais signos possíveis (corpos, praia, brisa, sol).

Também é recorrente, na poesia de Cassiano Nunes, a figura do prisioneiro, imbuída de grande densidade metafórica. Os sujeitos poéticos (e o próprio poeta) expressam um desejo constante de percorrer lugares desconhecidos e perfazem o movimento de desbravar outras topologias, essencialmente heterotópicas – em poemas como “Washington Square” e “Contemplando o Porto de Nova Iorque”, o poeta situa-se em territórios estrangeiros, quase sempre solitário e contemplativo. A noção de prisioneiro em Nunes está atrelada ainda à condição ontológica de encarceramento em si, e sobretudo ao *armário*, à sexualidade *gay* vivenciada clandestinamente por seus sujeitos líricos, que perambulam pela noite urbana à procura de encontros sexuais efêmeros: “*Só eu não parto...Prisioneiro do arco-íris/como quem num presídio abafale expressa a sua ânsia construindolum navio dentro de uma garrafa!*” (Nunes, 2015, p. 40, grifo nosso). A fuga possível desse auto-exílio se efetiva, portanto, por meio da fantasia (expressa de maneira quase pueril), paralelamente ao apelo erótico pelo desconhecido (e seus riscos).

Talvez como figura compensatória a estes sentimentos de aprisionamento surge o

motif do marinheiro na poesia de Nunes. Silva Jr. e Medeiros (2012, p. 278) analisam essa figura como “[...] símbolo de partida e chegada, de liberdade e desterritorialidade, do homem do mar em busca de um pouso perdido, o marinheiro é o transeunte por excelência”. No entanto, ainda que a poesia de Cassiano se organize em torno dessa constante pulsão escapista, os autores falham em perceber o fantástico apelo sexual da figura do marinheiro, que permeia todo o imaginário homoerótico ocidental – das gravuras estáticas e hipersexualizadas de Tom of Finland ao *magnus opum* de Jean Genet, o romance *Querelle de Brest*; da profunda e alegre *camaraderie* dos marinheiros nas pinturas do norte-americano Charles Demuth aos marinheiros de *The enchantment of the blue sailors*, filme experimental de Ulrike Ottinger, lançado em 1975. No poema “Sou de Santos” (2015, p. 101), o poeta discorre sobre sua origem, no litoral paulista:

Nasci perto do mar
como Ribeiro Couto.

Como ele, cantei
o cais de Paquetá,
cheio de marinheiros,
estrangeiros,
aventureiros.

Apitos roucos de navios
me atraíam para outras terras,
propostas sedutoras.

Corri o mundo.
Vim parar no Planalto Central
onde, solitário, entre livros,
contemplo os últimos anos.

Às vezes, à noite,
me encaminho para o lado do Eixo
e me detenho ante os terrenos baldios
(amplidão!) da Asa Sul.

Ao longe,
os guindastes das construções sugerem um cenário de cais.
E o vento me traz com o cheiro do sal
o inútil apelo do mar
(Nunes, 2015, p. 101, grifo nosso).

Nesse poema, a entonação memorialística revela o desejo pregresso da *wanderlust*, a ânsia erótica em percorrer novas paisagens, condensado pela figura sensual de homens desconhecidos (marinheiros, estrangeiros e aventureiros), que o poeta muito curiosamente nota, no cais de Paquetá. O sujeito poético, depois de percorrer diversas partes do mundo (“corri o mundo/vim parar no Planalto Central”), contempla, já envelhecido, a proximidade da morte. A paisagem noturna de Brasília, nos terrenos baldios que o sujeito percorre em sua *flânerie* pela madrugada, resgata visualmente o porto, enquanto “[...] o vento traz com o cheiro do sal/ o inútil apelo do mar” (Nunes, 2015, p. 101). Sobretudo, a erotização cifrada do verso aparece na silhueta sensual dos marinheiros, agora *projetada* na paisagem dos terrenos baldios de Brasília e no próprio corpo desejante desse andarilho noturno: a excitação sexual da ereção transplanta-se para a descrição onírica da paisagem

noturna, nos “[...] *guindastes das construções* [sugerindo] um cenário de cais”.

Por fim, a madrugada é a cartografia temporal de maior ambiguidade na poesia de Cassiano Nunes, e intitula o livro homônimo publicado em 1975. Para o poeta, a madrugada semantiza-se como lugar de exasperação dos sentimentos de solidão, isolamento e punição decorrentes da velhice, além dos encontros fortuitos e anônimos com outros homens, em florestas ou parques urbanos – ou, ainda, de comunhão melancólica com outros seres noturnos, em bares e bairros insalubres das periferias. Os apontamentos biográficos de Cassiano indicam que, durante o período em que habitou e lecionou na Universidade de Brasília, entre 1966 e o início dos anos 1990, ele tinha por hábito fazer longas caminhadas noturnas por Brasília, cidade que, no limite, ainda estava em pleno processo de gênese e expansão (Miranda, 2025). Novamente, a crítica falha em perceber que as caminhadas noturnas de Cassiano não serviam necessariamente a instantes de elaboração lírica, mas à provável procura de sexo rápido e de conexões casuais, nos rincões escuros da capital do Brasil.

Essa hipótese é plenamente fundamentada no embate analítico com os poemas. A *flânerie* noturna de Cassiano sem dúvida resultou na construção de sujeitos poéticos que também perfazem *itinerários noturnos do desejo*, à procura erotizada de algo não nomeado:

Essas noites de *pântano*,
de desgosto e *esperma*,
eram uivos roucos
numa planície eterna.

A procura demente,
em cada parque e esquina,
visava o diamante:
uma palavra humana
(Nunes, 2015, p. 65, grifo nosso).

Em Cassiano Nunes, a noite e a madrugada são constantemente associadas a fluidos, líquidos e viscosidade (*pântano*, chuva, *esperma*, águas fluviais, bebidas alcoólicas), o que mais ressalta o desenho amorfo e onírico das visões noturnas de sujeitos insulares que perambulam por ruas, parques e esquinas, nas longas horas antes do amanhecer. No poema “O mergulhador”, que integra *O prisioneiro do arco-íris* (2015), o poeta-escafandrista submerge nas águas escuras da noite e perfaz o apanhamento, pelo arpão (e sua simbolização fálica), do objeto de desejo (um rapaz):

Às vezes, mergulho
na represa da noite.

(No alto,
o delírio das constelações.)
Deslizo entre nenúfares
arrastando cauda borbulhante...

Pescador intenso
identifico-me com o arpão
e, obstinado, aguilhão

*o líquido azeviche
até que,
fisgo um peixe de prata
e ascendo às estrelas!*
(Nunes, 2015, grifo nosso).

Os instantes efêmeros do homoerotismo ocorrem naquilo que nomeamos, no conjunto da poética cassiânica, de *poemas dos parques*, um grupo de 4 poemas, dispersos nas obras publicadas entre 1962 e 1998, nos quais o espaço lúgubre e fantástico do parque urbano noturno se sedimenta como topografia onde homens encontram-se clandestinamente para o *cruising* – taxonomia em língua inglesa para os movimentos de flerte, paquera e interação sexual entre homens, em lugares públicos – ruas, parques, mictórios, cinemas e espaços guetificados. Remontando ao surgimento das noções de impessoalidade das primeiras cidades na Idade Média, passando pela posterior aparição das *molly houses*⁴ no século XVIII, e pela libertação sexual *gay* na década de 1970 do século XX, o *cruising* (ou “pegação”) se estabeleceu como subcultura ilegal, anônima e estigmatizada (Espinoza, 2019). Para uma análise mais detida do homoerotismo na poesia de Cassiano, selecionamos 4 poemas em que o *topoi* do *cruising* aparece, sendo eles “Mistério da noite”, “*Le diner sur l’herbe*”, “Noturno” e “Washington Square”.

Os poemas dos parques

O primeiro, do que denominamos aqui de poemas dos parques, é “Mistério da noite”, que integra o livro *Prisioneiro do arco-íris* (2015). Estruturado em versos e estrofes irregulares e não metrificadas, a voz poética de Cassiano Nunes intui a temporalidade da noite como estando imbuída de uma senha, um enigma, um componente escondido:

Pelas florestas da noite,
vago, escoteiro.

*Junto de escura moita,
suavemente inquisitivo
espreita-me um cervo.*

*Nas trevas,
boiam lanternas,
e persistem fixos
olhares fosforescentes.*

A noite é inteiramente semafórica!

Interpreto a sua mensagem cifrada,
e submerjo na volúpia
(Nunes, 2015, p. 43, grifo nosso).

Todo o poema está calcado em um processo lúdico e bastante eficiente de simbolização, vinculado às noções de dever e aventura, sintetizadas na figura metódica e obstinada do escoteiro (presumivelmente um garoto, na realidade o homem já adulto).

⁴Espécie de precursoras das saunas e bares *gays* modernos, as *molly houses* eram estabelecimentos clandestinos, surgidos na Inglaterra no século XVIII, onde homens se reuniam para encontros sexuais anônimos.

Essa entidade noturna se engaja numa busca imprevisível pela “floresta” – a urdidura bem tecida de árvores, galhos e arbustos de um parque público. Como o próprio desejo desviante que se apropria desse espaço acidentado, *fluindo* e *estacando* repentinamente, a prosódia do poema, em sua profusão de consoantes fricativas (sobretudo o *s*) e oclusivas (consoantes *d* e *t*), materializa com eficácia a busca não nomeada pela interação erótica furtiva na topologia do parque, quando a fluidez do percurso é interrompida pelos obstáculos físicos (troncos, galhos, ramos, valas) e imateriais (medo, escuridão, desejo) desse território.

Nesse instante, o poeta mobiliza uma imagem que permeia o imaginário infantil da fantasia, comumente atrelada ao perigo: “Nas trevas,/boiam lanternas,/e persistem fixos/olhares fosforescentes” (Nunes, 2015, p. 43). Como num filme mágico de Walt Disney, o sujeito lírico, nesse parque, de repente se vê espreitado entre as moitas por um cervo, enquanto, na escuridão à sua volta, muitos olhares (masculinos) espreitam, obedecendo o ritual espectral do *cruising*. A imagem misteriosa do cervo (ou veado?) aparece aqui como aceno *camp* e porejamento semântico referente a uma identidade *queer* e vulnerável, na superfície do poema.

No verso seguinte, há o pequeno debrum que desvela outra dimensão do poema: “A noite é inteiramente semafórica!” (2015, p. 43). A noite é, portanto, repleta de sinais, códigos e símbolos a serem interpretados, e essa qualidade esfíngica também se coloca como chave exegética do poema, visto que ele mesmo esconde, em sua topologia-palavra, um significado oculto. Resta aos últimos versos a função de arrepanhar esse debrum e estendê-lo, mostrando o que ele esconde. Assim, “submerjo na volúpia” refere-se aos homens buscando contato e sexo anônimo no parque, guiados aleatoriamente pelo desejo, pela indeterminação da escuridão desse espaço, e, por extensão, a penumbra desejante de si e também do outro.

De acordo com Elisabeth Bronfen (2013, p. 250), a cidade noturna moderna também seria altamente semafórica, ou seja, impregnada de sentidos implícitos, que devem ser decifrados pelo *flâneur noturno*, uma figura constante na poesia de Cassiano Nunes: “O aspecto noturno da cidade moderna dobra a aposta sobre esse desafio hermenêutico, no sentido de que a possibilidade do encontro promete conduzir o *flâneur* a um sentido profundo e escondido”⁵. A autora prossegue:

O mistério da urbe noturna aguça a curiosidade do *flâneur*, e concomitante a isto a promessa de que seu segredo possa ser revelado, e assim desvelar, em primeiro lugar, o núcleo de fantasia que o retirou da segurança da própria casa em direção às ruas⁶ (Bronfen, 2013, p. 250).

Esse mistério noctívago não se estabelece apenas como elemento fantasmagórico

⁵“The nocturnal side of the modern city ups the ante on this hermeneutic challenge, in that chance encounter promise to lead the flâneur to a deeply buried meaning” (Bronfen, 2013, p. 50).

⁶“The mistery of the dark city triggers the curiosity of the flâneur, and concomitant with it the promise that its secret might be unveiled, thereby disclosing the kernel of the fantasy that drove him from the safety of his home onto the streets in the first place” (Bronfen, 2013, p. 250).

em um recorte temporal efêmero dominado pela escuridão, pelo silêncio, pelo onírico e pela ambiguidade, mas, ainda, pelo acontecimento que se desdobra em seu interior, a “mensagem cifrada”, pela qual o sujeito “submerge na volúpia”, isto é, na fruição espectral do desejo. O *cruising* ou pegação *gay* ontologiza-se por um conjunto silencioso de pequenas senhas entre os adeptos, que possibilitam sua prática, como disserta David Getsy (2008, p. 16-17): “O *cruising* envolve a transmissão sutil de mensagens de baixa intensidade – uma piscada de olhos, um toque no pé, um modo de se posicionar – que devem ser invisíveis para aqueles que não as procuram”⁷. Esse código gestual óptico, inteiramente semafórico, deve ser decifrado pelos praticantes e simultaneamente desconhecido pelos não-praticantes.

A imprecisão topológica do parque urbano às altas horas da noite, onde homens encontram-se furtivamente para o sexo, explicita-se mais em “*Le diner sur l’herbe*”, no qual o poeta constrói um *tableaux* panorâmico e soturno, que em seguida revela-se como vestígio de algo volátil e evanescente⁸:

À noite, foram chegando pouco a pouco
ao parque umbroso
(a treva rumorejante).
Desconhecidos uns dos outros,
vinculava-os apenas
a opção profunda.
Com naturalidade,
desnudaram as almas,
afrouxando roupas...
O sexo acendeu como um fósforo.
Uma intensa felicidade
(tão breve!)
no desaforo.
Findo o improvisado festival,
retiraram-se sem despedidas
para os seus subúrbios,
dispostos a roer
por mais uma semana
a côdea do quotidiano
(Nunes, 2015, p. 100).

Disposto em 19 versos irregulares, “*Le diner sur l’herbe*”⁹ metonimiza, em sua forma, a própria fenomenologia vaporosa do *cruising*, constituída por instantes efêmeros de interação sexual em espaços públicos (Betsky, 1997). Nele, ocorre a chegada ao parque da procissão de homens anônimos, desconhecidos uns dos outros, mas vinculados entre si pela heterotopia do parque e pela “opção profunda” (a sexualidade desviante e seu estigma social). A espacialidade do parque, sombria, *uncanny*, oferece um receptáculo hermeticamente fechado pela escuridão, dentro do qual esses homens “[...] desnudaram as almas/afrouxando roupas” (2015, p. 100). A volatilidade do sexo condensa-se pela chama impermanente do fósforo, iluminando desagregadamente os corpos e gestos nesse

⁷“Cruising involves the subtle broadcasting of low-intensity messages of desire – a wink, a tap of the foot, a way of standing – that are meant to be invisible to those who are not looking for them (Getsy, 2008, p. 16-17).”

⁸Essa mesma ideia de espectralidade do desejo está presente no poema-fragmento “Horto”, do português Al Berto, presente na obra *Horto de incêndio*, publicada em 1997. Nela, são recorrentes as imagens de homens procurando sexo casual em um parque, denominado horto.

⁹O título do poema, intermediário, foi retirado da pintura *Le déjeuner sur l’herbe*, de Édouard Manet, concluída em 1863. Nela, Manet representou um piquenique libertino em um parque, imbuído de grande força e expressão eróticas.

território mergulhado na escuridão umbrosa do desejo. O sexo rápido, findado sem despedidas, opera como uma pausa à aridez do cotidiano, a cêdea fibrosa que esses homens roem no dia a dia – as vidas heterossexuais experimentadas dentro de um *códex* limitante assentado sobre noções normativas de família, afeto e desejo. Já o título do poema, “*Le diner sur l’herbe*”, ou o “o jantar na grama”, apresenta acentos sutis de homoerotismo masculino ao modo do *Cálamo*, em *Folhas da relva*, de Walt Whitman, no que tange aos sentidos de camaradagem entre esses homens, nesse espaço natural.

A territorialidade do parque urbano como *cruising spot* (ponto de pegação), e os perigos decorrentes da possibilidade do sexo entre desconhecidos, agora não mais permeabilizado pelo imaginário da fantasia como em “Mistério da noite”, evidencia-se no poema “Noturno”, presente em *Jornada*, de 1972. Nele, o que se busca não é apenas o objeto de desejo, mas a própria geografia tortuosa de desimpedimento onde o erotismo e certo desencanto podem transcorrer sem os obstáculos e expectativas das relações moldadas pelo imaginário fantasioso do amor – contaminado pelas noções morais da heteronormatividade –ou pelo olhar punitivo do panóptico (Foucault, 2016):

Chega um instante
em que, no amor,
não se procura mais
o rosto magnético,
o jeito único, obsedante,
- prerrogativas de pessoas...

Chega um instante,
em que, no amor,
não se procura mais pessoas.
Apenas
(e humildemente)
se procura paisagens,
cenários,
o parque, alta noite, na solidão,
o medo do que se oculta nas moitas,
a lâmina que vara a carne
com a fúria absoluta,
que exigíamos no amor
(Nunes, 2015, p. 82).

A paisagem dissoluta¹⁰ é o parque durante a madrugada, e sua sinfonia mínima – seus sons, ruídos, vultos e sombras imantadas pelo desejo gay furtivo. Nesse poema, a obstinação anterior do escoteiro dá lugar à certa ansiedade difusa diante do desconhecido: “[...] o medo do que se oculta nas moitas,/a lâmina que vara a carne/com a fúria absoluta,/que exigíamos no amor” (Nunes, 2015, p. 82). Teme-se, portanto, o que se esconde nas moitas (outro homem? um criminoso? um ser fantástico? o próprio desejo?), como referência às noções de perigo envolvidas nas práticas sexuais em espaços públicos, especificamente a violência de teor sexual ou homofóbica, comuns a essas heterotopias. A relação inequívoca entre erotismo e violência aparece na “lâmina que vara a carne/com

¹⁰Enceta-se, aqui, uma intermedialidade possível com a frase de Agnès Varda: “Se abrissemos as pessoas veríamos paisagens”, no documentário *Le plages d’Agnès*, lançado em 2008 (no Brasil, *As praias de Agnès*).

a fúria absoluta/que exigíamos no amor”, exatamente quando este não se apresenta mais como plausibilidade para o poeta, seja na economia desejante e excludente dos corpos, seja no ecossistema complexo do *gay cruising*.

Os sujeitos líricos de Cassiano Nunes sintetizam com precisão a figura marginal do *nocturnal flâneur* (*flâneur noturno*), o indivíduo que faz da noite e de seus itinerários imprevisíveis a sua morada (ou, talvez, a própria ausência dela). Figura profundamente moderna, o *flâneur* noturno tensiona os valores burgueses da família, da moral e da segurança em favor da economia noturna e seus seres, e em prol das noções de perigo, prazer e criminalidade, ou seja, todo tipo de transgressão aos códigos morais vigentes durante o dia. Durante seu percurso pelo cronotopo da noite, compartimentado em ruas, avenidas e bulevares, o *flâneur noturno* encontra nele toda a sorte de seres ambíguos, que buscam a experiência, ainda que limitada, da liberdade, negada socialmente a eles durante o dia. Como discorre Elisabeth Bronfen (2013),

Comparada ao dia, a vida nas ruas noturnas é menos organizada e mais potencialmente perigosa. A intoxicação que o indivíduo pode experimentar é excitante, mas pode igualmente aterrorizar. Adentrar a noite oferece oportunidades para se assumir riscos. As tentações para pôr em prática os prazeres proibidos podem conduzir a companhias inesperadas, mas também a uma radical solidão¹¹ (Bronfen, 2013, p. 248).

O percurso *queer* e errático desse *flâneur* noturno à procura de algo que o inquiete, aparece de maneira mais clara no poema “Washington Square”, de *O prisioneiro do arco-íris* (2015). Nele, a convergência cronotópica entre a noite e o parque imanta o poeta de um estado de largueza, não menos perturbado pelo desejo:

De madrugada,
atravesso o parque
deserto.

Ficou
de minha propriedade
particular.

Até a névoa
me pertence.

A estrela
fui eu que inventei
(Nunes, 2015, p. 61).

Esse sujeito estrangeiro, desterritorializado, atravessa o grande parque da capital americana, durante a madrugada. Contrastando aos poemas anteriores, agora não há mais sombras, vultos e olhos fosforescentes que espreitam por entre galhos e arbustos, nem a interação sexual entre desconhecidos – a solidão do poeta é quase absoluta. O vazio do parque estrangeiro é forjado estruturalmente na construção límpida e mínima do poema, que se torna mais delgada a partir dos últimos dísticos. Há uma apropriação

¹¹ “Compared to the day, life on the nocturnal streets is less orderly and potentially always unsafe. The intoxication one can experience there may excite, but can equally terrify. Going into the night may offer opportunities for taking risks. The temptations to act out forbidden pleasures may lead to unexpected companionships, but also to radical solitude” (Bronfen, 2013, p. 248).

espectral e subjetiva do espaço, um modo de se orientar na experiência do ser estrangeiro e, por extensão, ser homossexual/*queer*: “Ficou/de minha propriedade/particular.//Até a névoa me pertence” (Nunes, 2015, p. 61). E, no entanto, há a estrela no caminho, *inventada* pelo sujeito poético. Visto que o parque fronteiriza-se como perímetro arbóreo fechado, que impede uma visão mais precisa do céu devido à profusão de abóbadas das árvores, a estrela a que o poeta se refere é a grande estrela luminosa do desejo, pairando em sua incandescência, na topografia do parque.

Considerações finais

A obra poética de Cassiano Nunes encontra-se em gradual processo de descobrimento pelos leitores, pela crítica acadêmica especializada e pelo mercado editorial, quando mais pessoas terão acesso a uma poesia diagnosticada, pela crítica, como simples e singela, mas que manipula eficazmente, para além dessa simplicidade enganosa, a forma cintilante, a metáfora e os símbolos, e a composição de sujeitos poéticos inquietos diante da memória, do desejo, da velhice e da morte. Este trabalho buscou contribuir para a construção de uma fortuna crítica de Cassiano, propondo uma leitura *queer* de sua lírica, sem dúvida uma das poéticas fundamentais para a revisão e o rearranjo estético (e político) de um cânone homoerótico na poesia brasileira.

A madrugada, as heterotopias, o desejo sexual pela liberdade, a iconografia homoerótica sintetizada pelas figuras do prisioneiro e do marinheiro (ainda que essencialmente metafóricas, no primeiro caso), e os embates familiares com a figura paterna autoritária, formam o conjunto de elementos da poética de Cassiano Nunes que, como buscamos salientar, podem ser analisados por meio de uma leitura menos normativa (a *práxis*, até o momento), calcada no processo cuidadoso de identificação, pelo enfrentamento crítico, das diversas identidades nômades da economia heterossexual, que aparecem na obra do poeta santista.

Tencionou-se ressaltar, pelo diálogo com a escassa crítica de Cassiano, os componentes formais e semânticos de sua poesia que permitem uma análise centralizada na mimese da experiência e subjetividade *gays* ou *queer* – da infância e adolescência em que o poeta se percebe como diverso, como alteridade dentro do espaço familiar opressor sintetizado na figura paterna, até os poemas em que, já adultos, seus sujeitos líricos, profundamente desenraizados, se aventuram pelos parques urbanos à noite, à procura de afeto e do sexo rápido com desconhecidos. Estabelecendo nosso *corpus* em quatro poemas que situam a heterotopia do parque como entidade espacial aglutinadora, os quais nomeamos de *poemas dos parques*, evidenciou-se que os sujeitos líricos de Cassiano buscam, nesses espaços, a evasão da solidão e o enfrentamento da velhice e da morte, simbolizados, no corpo erótico do verso e da estrofe, pela polissemia e pela promiscuidade semântica da metáfora.

Referências

- ALVAREZ, A. *Noite: a vida noturna, a linguagem da noite, o sono e os sonhos*. Trad. Luiz Bernardo Pericás e Bernardo Pericás Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BANDEIRA, Manuel. A versificação em língua portuguesa. In: *BANDEIRA, Manuel. Seleta de prosa*. Org. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- BETSKY, Aaron. *Queer space: architecture and same-sex desire*. 1. ed. New York: Willian Morrow, 1997.
- BRONFEN, Elisabeth. *Night passages: philosophy, literature, and film*. New York, Columbia University Press, 2013.
- ESPINOZA, Alex. *Cruising culture: an intimate history of a radical pastime*. Los Angeles: Unnamed Press, 2019.
- EVANGELISTA, Maria de Jesus. *Cassiano Nunes: poesia e arte*. Brasília, DF: Editora UnB, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *De espaços outros*. Trad. Ana Cristina Arantes Nasser. Estudos avançados. Vol 27, n. 79, 2013. p. 113-122.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. Trad. Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 2016.
- GETSY, David. Mourning, yearning, cruising: Ernesto Pujol's memorial gestures. *PAJ: A Journal of Performance and Art*. p. 11-24, set. 2008. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2102086. Acesso em: 07 de mar. 2025.
- HORTA, Anderson Braga. Cassiano Nunes: vida e poesia em simbiose. In: *Poesia Reunida I*. Organização de Maria de Jesus Evangelista. Brasília, DF: Centro Editorial, 2015.
- LOBO, Danilo. Seven sides to Cassiano Nunes. In: *Poesia Reunida I*. Organização de Maria de Jesus Evangelista. Brasília - DF: Centro Editorial, 2015.
- LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- MIRANDA, Antônio. *Cassiano Nunes*. Domínio virtual. Disponível em: http://www.antonio Miranda.com.br/poesia_brasis/distrito_federal/cassiano_nunes.html. Acesso em: 07 de mar. 2025.
- NUNES, Cassiano. *Poesia Reunida I*. Organização de Maria de Jesus Evangelista. Brasília - DF: Centro Editorial, 2015.
- SILVA JÚNIOR, Augusto Rodrigues; MEDEIROS, Ana Clara. Leveza e heterotopia em Cassiano Nunes: o fazer poético das coisas mais simples. *Cerrados*. v. 21, p. 271-300, 2012.

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. Para uma agenda de leitura: literatura, história e homoerotismo. *Revista da Anpoll*. n. 11, p. 155-176, jul-dez. 2001. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/server/api/core/bitstreams/8a7120a9-b68e-4182-87ce-8933a821282b/content>. Acesso em: 7 de mar. 2025.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Tradução de Plínio Dentzien. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan-junh., 2007.